

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE GUARATUBA
CURSO DE PEDAGOGIA

JANDIRA SILVA D' OLIVEIRA

**DIFICULDADES DE AUDIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM, DURANTE AS AULAS
REMOTAS DO ENSINO SUPERIOR, EM TEMPOS DE PANDEMIA**

GUARATUBA

2021

JANDIRA SILVA D' OLIVEIRA

**DIFICULDADES DE AUDIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM, DURANTE AS AULAS
REMOTAS DO ENSINO SUPERIOR, EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na modalidade Artigo Científico - apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Instituto Superior de Educação de Guaratuba – Faculdade Isepe - como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Professora Mestre Rosilda Maria Borges Ferreira

GUARATUBA

2021



TERMO DE APROVAÇÃO

A acadêmica **JANDIRA SILVA D' OLIVEIRA** apresentou e defendeu o Trabalho de Conclusão de Curso – na modalidade Artigo Científico - intitulado “**DIFICULDADES DE AUDIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM, DURANTE AS AULAS REMOTAS DO ENSINO SUPERIOR, EM TEMPOS DE PANDEMIA**” para a obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia, sendo julgado adequado e aprovado em sua forma final pela Banca Examinadora do Curso de Pedagogia.

Guaratuba, 24 de novembro de 2021.

Professora Especialista: Trindade dos Santos de Freitas
Coordenadora do Curso de Pedagogia

Apresentado à Comissão Examinadora, integrada pelos professores:

Professora orientadora Mestre Rosilda Maria Borges Ferreira

Professora Especialista: Josililian Alberton
Avaliadora

Professora Mestre Karyna Brunetti Lucinda
Avaliadora

DIFICULDADES DE AUDIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM, DURANTE AS AULAS REMOTAS DO ENSINO SUPERIOR, EM TEMPOS DE PANDEMIA

MODALIDADE RELATO DE EXPERIÊNCIA

Autor¹ D' OLIVEIRA, Jandira Silva

Orientador² FERREIRA, Rosilda Maria Borges

RESUMO

Trata-se de um estudo que segue a modalidade Relato de Experiência sobre a rotina no Ensino Superior e as dificuldades de audição para a aprendizagem, durante as aulas remotas, em tempos de pandemia. Destaca as causas da perda de audição e suas consequências, tipos de deficiência leve, moderada, severa e profunda. Tem como objetivo geral compreender como se processa a aprendizagem do aluno com dificuldade auditiva de profunda bilateral no ouvido esquerdo, durante as aulas remotas do ensino superior, em tempos de pandemia; apresentar em uma abordagem teórica as medidas preventivas e tratamentos para perda auditiva precoce; relatar a trajetória e as dificuldades auditivas da autora deste Artigo, tanto nos aspectos profissional quanto educacional e as experiências em sala de aula. Em relação ao material e métodos, apresenta uma pesquisa bibliográfica, com a leitura de autores e alguns estudiosos da área sobre causas, tipos de deficiência auditiva e seu grau, definição de deficiência auditiva, doenças que podem causar a surdez, com perda auditiva moderada e severa. Contou com uma entrevista da fonoaudióloga, que atende o município de Guaratuba Paraná, no hospital Maternidade, no qual relatou todos os procedimentos e prevenções para as crianças e adultos que apresentam dificuldades ou perdas de audição. Por fim, um relato de experiência da autora desse Artigo, em que relata toda a sua trajetória e as dificuldades auditivas, tanto nos aspectos profissional quanto educacional. De acordo com que foi estudado, verificou-se a importância de saber as causas que uma perda auditiva pode levar. Além disso, deve-se levar em conta que todas as deficiências auditivas, não são iguais, e que isso pode afetar muito o adulto tanto na parte acadêmica quanto no trabalho e na vida social.

Palavras-chave: Dificuldades de audição. Aulas remotas. Pandemia. Ensino Superior.

1 INTRODUÇÃO

¹ Graduanda do 8º período do Curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação de Guaratuba - Faculdade Isepe. E-mail:

² Professora e orientadora de TCC do Curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação – Faculdade Isepe. Graduação em Letras-Português e Pedagogia. Mestre e Especialista na área da Educação. Doutoranda em Educação (UTP). E-mail: rosilda@isepe.edu.br

Esta pesquisa fundamenta-se em torno de uma reflexão sobre a dificuldade de audição na fase adulta e suas consequências, principalmente nas aulas remotas, em tempos de pandemia. É um estudo que segue a modalidade Relato de Experiência sobre a rotina no Ensino Superior e as dificuldades enfrentadas durante as aulas remotas, pelo uso da máscara dificultando a leitura labial. Nesse sentido, essa pesquisa questiona: quais os contratempos que um aluno, com dificuldade auditiva, apresenta durante as aulas remotas no Ensino Superior, em tempos de pandemia?

Tem como objetivo geral compreender como se processa a aprendizagem do aluno com dificuldade auditiva de profunda bilateral no ouvido esquerdo, durante as aulas remotas do ensino superior, em tempos de pandemia; apresentar as medidas preventivas e tratamentos para perda auditiva precoce; relatar a trajetória e as dificuldades auditivas da autora deste Artigo, tanto nos aspectos profissional quanto educacional e as experiências em sala de aula.

A dificuldade auditiva que o aluno apresenta nas aulas remotas no ensino superior, em tempos de pandemia, reflete-se em cada um de maneira diferente, dependendo do grau de decibéis, do ambiente e da socialização do aluno. Assistir às aulas remotas, no formato presencial e on-line pode acarretar várias dificuldades, desde os vídeos que não são legendados, o uso da máscara obrigatória pelos alunos e pelo professor, que dificulta a leitura labial, entre outras que serão discutidas no decorrer da pesquisa e apresentadas nas considerações finais.

O tema torna-se especialmente relevante uma vez que a dificuldade do aluno nas aulas remotas, principalmente em relação à surdez, deve ser melhor compreendida socialmente garantindo-lhe não somente seus direitos como a dignidade humana e o exercício pleno de sua cidadania.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Em relação ao material e métodos, apresenta uma pesquisa bibliográfica, com a leitura de autores e alguns estudiosos da área sobre causas, tipos de deficiência auditiva e seu grau, definição de deficiência auditiva, doenças que podem causar a surdez, com perda auditiva moderada e severa. Segundo Lakatos e Marconi (2003) para a pesquisa bibliográfica deve-se usar fontes fidedignas de autores que estudaram e materializaram estes temas com informações relevantes. A pesquisa

bibliográfica em artigos científicos anteriormente publicados garantirá a extensão dos conhecimentos prévios do pesquisador e aprofundamento no tema assim como amparar e fundamentar as considerações práticas que serão obtidas por meio de pesquisa de campo de caráter qualitativa/descritiva que permite que as informações sejam analisadas e interpretadas para o bom êxito deste trabalho. Como instrumento para a coleta de dados foi utilizada entrevista com a fonoaudióloga do Município de Guaratuba, Doutora Lorena Valeze sobre os procedimentos necessários já desde a primeira infância e também conta com um relato de experiência da própria autora do artigo.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 PERDA AUDITIVA – CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS

As pessoas que adquiriram perda auditiva em grau leve, moderado ou até com alguma severidade, muitas vezes a solução pode ser encontrada em avançados aparelhos auditivos que corrigem o problema sem afetar a vida social. No entanto, existem casos de profundidade severa, em que não é mais possível resgatar a audição com aparelhos. A pessoa fala normalmente e compreende o que está sendo dito através da leitura labial ou leitura orofacial. Conforme Dell'Aringa (et al., 2007), “a leitura labial ou leitura orofacial de modo geral, é feita inconscientemente e não somente por pessoas com deficiência auditiva, mas também por ouvintes, como uma estratégia para tornar a comunicação mais efetiva”.

No entanto, o foco dessa pesquisa é a perda auditiva na fase adulta, causas e consequências. A surdez, conforme Russo; Almeida (1995) citado por Francelin; Motti; Morita (2010), pode surgir na pessoa em qualquer fase de sua vida, não sendo apenas diagnosticada quando criança, uma vez que pode ser adquirida por situações durante o pré-natal, no parto, pós-parto, doenças infecciosas virais ou bacterianas como também pelo uso de medicamentos ototóxicos³.

Já em 2006, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2006) apresentava que dois terços da população mundial, que viviam em condições precárias de subdesenvolvimento, teriam mais vulnerabilidade de ocorrências com problemas

³ Medicamentos ototóxicos são aqueles que podem causar dano ao sistema coclear e vestibular. Perda auditiva causada por antibióticos é comum entre pessoas com doenças renais ou com problemas auditivos anteriores, segundo um site americano, WebMD, responsável em transmitir informação sobre saúde.

auditivos, uma vez que estes podem ser ocasionados pelas frágeis condições de vida e saúde. Esse fato se referia à falta de acesso à saúde básica em países subdesenvolvidos como o Brasil, além das condições de pobreza ampliando o quadro de pessoas acometidas pela surdez, principalmente aquelas ocasionadas por doenças infectocontagiosas, que poderiam ser evitadas em ao menos, 50% dos casos, se as condições de acesso à saúde e vida da população fossem melhoradas (OMS, 2006).

Para a OMS (2021) quase 2,5 bilhões de pessoas em todo o mundo terão cada algum grau de perda auditiva até 2050, conforme o primeiro Relatório Mundial sobre Audição da Organização Mundial da Saúde (OMS), divulgado em Genebra em 2 de março de 2021. E aproximadamente 700 milhões dessas pessoas precisarão de acesso a cuidados auditivos e outros serviços de reabilitação, a menos que sejam tomadas medidas preventivas.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), os países, mais pobres, ampliam doenças infectocontagiosas que poderiam ser evitadas, através de uma Política Pública Nacional de qualidade, visto que as pessoas menos favorecidas, sem saneamento básico e acesso à saúde são vulneráveis às doenças, a audição é uma delas, pois afeta 50% dessa população. As informações elencadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-2000) revelaram que 3,3% da população brasileira se declarou incapaz com dificuldades relacionadas à audição, em perdas leves ou agudas, o que atrapalha não só a socialização como também a inserção e manutenção no mercado formal de empregos, que, excludente e mais preocupado com o lucro, deixa à margem aqueles que possuem alguma deficiência (MORITA I, 2005).

De acordo com a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Deficiente – CORDE (1994) citado por Francelin; Motti; Morita (2010), a comunicação através da linguagem oral é predominante na sociedade, desta forma, as pessoas com algum grau de perda auditiva e aquelas com surdez congênita que não ouvem e não conseguem se comunicar pela oralização não são privilegiadas com programas de reabilitação ou inserção inclusiva no mercado, fazendo com que em sua maioria, seja a informalidade o meio de subsistência, tornando sua vida ainda mais difícil em termos econômicos e sociais.

Sem contar a vergonha, o desconforto quando precisa perguntar a alguém que sabe que não vai entender a resposta, e ter que perguntar novamente “desculpe eu não ouvi”. Já no meio social, a dificuldade é percebida quando se está em lugares com música alta ou muito ruídos externos, fazendo com que os mesmos se isolam, não querendo participar mais de uma vida social ativa. A diferença na forma de se comunicar pode alterar todo o projeto de vida do indivíduo, afetando sua autoestima, socialização, educação, profissão, casamento e educação dos filhos (ERDMAN, 1993).

O presente trabalho de pesquisa tem seu foco na deficiência auditiva de manifestação súbita, isto é, identificada em até 45 dias após sua ocorrência, em indivíduos de idade adulta e seus reflexos no ambiente social, na família e no trabalho, visando compreender o enfrentamento do meio, acolhendo ou excluindo essa população, uma vez que o ser humano, ao depender de seus sentidos para manter contato com o ambiente e receber estímulos, passa a ter uma grande restrição. Qualquer distúrbio na forma como a audição é processada que diminua a capacidade de compreender estímulos sonoros é considerada como perda auditiva, que pode ter diferentes graus e intensidades (SOUSA, 2017).

A escala de audição apresenta vários graus, fazendo com que a deficiência auditiva também possa ser caracterizada em diferentes formas. Aproximadamente 10 milhões de brasileiros apresentam algum tipo de deficiência auditiva, como mostrou os dados do Instituto Locomotiva e Semana da Acessibilidade Surda (GANDRA, 2019).

O ouvido humano tem três partes: o ouvido externo, o ouvido médio e o ouvido interno. De acordo com o local da lesão que pode ser no ouvido médio ou no ouvido interno, a perda auditiva pode também apresentar diversos graus, sendo perdas leves ou severas, onde a capacidade de ouvir é completamente comprometida (REDONDO; CARVALHO, 2000). A pessoa pode nascer surda ou perder a audição em algum momento da vida, fazendo com que o grupo de surdos seja completamente heterogêneo uma vez que haverá aqueles que nunca tiveram contato com sons e outros que perderam a audição por alguma razão. Dessa forma, o apoio ao surdo deve levar em consideração o contexto de sua perda auditiva (MARTINEZ, 2000).

A tabela abaixo nos mostra que entre 40 a 59 anos a probabilidade de um adulto ter perda auditiva adquirida é comum, essa perda tende a ser do moderado ao profundo, sabemos que com a idade tudo se torna mais difícil e com a perda auditiva não é diferente. A audição normal fica entre 0-25 dB, leve 26 -40 dB, ouve e repete palavras em volume normal a 1 m de distância, moderada 41-60 dB capaz de ouvir e repetir palavras em volume elevado a 1 m de distância de 61 - 80 dB, capaz de ouvir palavras em voz gritadas, o profundo é aquela surdez que 81dB, incapaz de ouvir e entender, porcentagem de pessoas nessa idade contando com fatores externos, estilo de vida e alimentação, família que nunca entende e aceita essa perda, vem contribuindo para que a terceira idade possa ser menos ouvida.

FIGURA 1: GRAUS DE PERDA AUDITIVA

Graus de perda auditiva	Média entre as frequências de 500, 1K, 2k, 4kHz	Desempenho
	Adulto	
Audição normal	0 – 25 dB	Nenhuma ou pequena dificuldade; capaz de ouvir cochichos
Leve	26 – 40 dB	Capaz de ouvir e repetir palavras em volume normal a um metro de distância
Moderado	41 – 60 dB	Capaz de ouvir e repetir palavras em volume elevado a um metro de distância
Severo	61 – 80 dB	Capaz de ouvir palavras em voz gritada próximo à melhor orelha
Profundo	>81 dB	Incapaz de ouvir e entender mesmo em voz gritada na melhor orelha

Organização Mundial da Saúde (OMS, 2014)

Para Novaes (2014) em perdas leves a pessoa pode ter dificuldade em ouvir o ‘tica-tac’ do relógio ou conversas em tom baixo como cochichos. A surdez moderada ocasiona no indivíduo a dificuldade em ouvir vozes fracas ou cantos de pássaros. A perda moderadamente severa faz com que ouvir uma conversa normal seja difícil. O ruído de um liquidificador pode não ser percebido por indivíduos com perda severa de audição e com a perda profunda ruídos altos como o de um motor de caminhão não são percebidos.

De acordo com Redondo (2000) citado por Francelin; Motti; Morita (2010), detectar a surdez severa pode ser mais fácil do que a perda auditiva em graus mais leves, por isso, o acompanhamento do recém-nascido por profissionais de saúde

deve acontecer desde os primeiros dias de vida. Nas consultas, há que se testar a capacidade auditiva da criança que deve virar a cabeça procurando a origem de sons. Quando a mãe não consegue acalmar o bebê que chora apenas com a sua voz, pode também ser sinal de que o bebê não está ouvindo e o encaminhamento para atendimento profissional facilita o diagnóstico precoce. A surdez pode ter diversas causas, sendo hereditária, adquirida no pré-natal, no perinatal, no pós-natal ou ser ocasionada por traumatismo craniano, drogas e infecções (SILVA, 2008).

Segundo Novaes (2014), doenças como rubéola, toxoplasmose e citomegalovírus na gestação podem ocasionar surdez no feto, assim como o uso de drogas ototóxicas, sendo que estas causas são consideradas pré-natais. O parto prematuro, uso inadequado de fórceps no parto e falta de oxigenação cerebral durante o parto que ocasionem perdas auditivas são consideradas causas perinatais. Doenças ao longo da vida como meningite, sarampo e caxumba também podem ocasionar deficiência auditiva.

3.2 QUANDO SE INICIA A DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Um dos principais sentidos que a pessoa tem é a audição, considerado um meio vital para ser humano, principalmente para manter ativo e compreendido em seu meio. Perder ou diminuir a audição para o ser humano é muito difícil, imagina para um adulto que precisa compreender e ser compreendido. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS),

O problema da perda da audição é agravado pelo natural envelhecimento da população, pois, após os 60 ou 70 anos, a perda auditiva é natural, disse Sarvat, que também é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. “O simples envelhecimento da população já gera ‘epidemia’ de deficiência auditiva, o que não quer dizer surdez absoluta, mas perda parcial”, disse o médico. Organização Mundial da Saúde (2021).

Nessa idade podem se afirmar que muitos deles já estão perdendo a audição, estão com dificuldade de ouvir e muitas vezes não falam para seus familiares por medo ou vergonha de ser excluído no mercado de trabalho ou na sociedade. Segundo os estudos, a deficiência relacionada à idade (Presbiacusia), pode ser hereditária, e atinge mais as pessoas do sexo masculino, e os fatores relacionados ao meio em ambiente, como por exemplo, ruídos altos por muito tempo, foram comprovados que prejudica e muitos as pessoas.

O relatório mundial sobre a audição, lançado pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2021), estima que ¼ ou seja 2,5 bilhões de pessoas terá algum grau de perda auditiva em 2050. O estudo revela que cerca de 60% das perdas podem ser evitadas com investimentos na prevenção e doenças ligadas a surdez. Para Maíra Botelho, diretora de Atenção Especializada e Temática (DAET/SAES) do Ministério da Saúde do Brasil, a motivação é promover a melhoria da qualidade de vida de quem precisa. “Para muitos de nós, é fácil esquecer da importância dos sentidos no nosso dia a dia. O SUS sabe dessa importância e acolhe os brasileiros que precisam de apoio para viver melhor e fazem isso com compreensão e capacidade de atendimento. Além das ações de prevenção sobre problemas auditivos, o SUS oferece diagnóstico, concessão de dispositivos auditivos, manutenção de próteses auditivas e terapias fonoaudiológicas.

O Brasil está passando por uma fase de transição demográfica, com uma população idosa crescente, com um aumento de expectativa de vida média. Por esse motivo os idosos vivem mais e, conseqüentemente, sua perda auditiva é gradativa (BRAGA, 2003). A presbiacusia é caracterizada por alteração no órgão auditivo e/ou vias auditivas decorrentes do processo de envelhecimento. Na presbiacusia, ocorre a perda auditiva do tipo neurosensorial, bilateral e simétrica, comprometendo inicialmente frequências altas (detecção dos sons agudos) e a discriminação da fala.

Contudo basta saber que a população adulta de hoje será o idoso de amanhã, cuidar da saúde é um dever do ser humano, mas também do Estado que teria que oferecer condições para que isso acontecesse

O fonoaudiólogo é o profissional responsável pela audiometria tem por finalidade avaliar a audição do paciente, identificando sua capacidade para ouvir e interpretar sons. O procedimento permite identificar possíveis alterações auditivas e auxiliar o médico a indicar as medidas preventivas ou tratamentos mais adequados para cada caso. Segundo a (S B F), Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia), existem vários tipos de exames para verificar a perda auditiva:

- **A audiometria tonal:** considerada um dos principais exames no diagnóstico de surdez e acompanhamento de perda auditiva. O principal objetivo do exame é o de detectar o tipo e grau de perda auditiva. Ele é realizado pelo profissional a fonoaudióloga (a) e dura cerca de 30 minutos. O paciente fica em uma cabine

especial enquanto alguns sons lhe são apresentados por meio de um fone e um vibrador ósseo. Ele deve apertar os botões da cabine para indicar que percebeu algum som. Tais sons são emitidos em diversas frequências, o que permite que o grau da perda seja identificado.

- **A audiometria vocal:** realizada da mesma forma que a audiometria tonal, porém ela tem o objetivo de identificar a capacidade de compreensão da fala pelo paciente. Durante o exame, a pessoa deve demonstrar a sua percepção e compreensão do que é falado pelo profissional examinador.

- Um outro tipo de audiometria com resultados mais detalhados é a **audiometria de tronco encefálico**, também conhecida como Potenciais Evocados Auditivos de Tronco Cerebral ou BERA. Seu principal objetivo é o de avaliar a integridade das vias auditivas (da orelha interna até o córtex cerebral). O exame é indicado especificamente para a identificação de problemas no nervo auditivo e para estimar o limiar auditivo. Pode ser realizado em adultos e crianças. O exame é feito a partir da colocação de eletrodos por trás das orelhas, que registrarão a atividade elétrica do nervo auditivo e do tronco encefálico em resposta a estímulos sonoros dos ouvidos.

Qualquer exame de audiometria tem que ser indicado por um otorrino que vai encaminhar para o profissional de fonoaudiologia para saber se você tem ou não a perda auditiva, o tratamento precoce ainda é a melhor escolha.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa pesquisa teve por finalidade entender por que existem vários tipos de surdez, quais as causas dessa perda, por meio de uma entrevista feita com a fonoaudióloga do Município de Guaratuba-PR. Em relação à pergunta sobre qual público atende, a fonoaudióloga respondeu que atende também pessoas adultas até a terceira idade e crianças matriculadas nos CMEIs, Escolas Municipais do Fundamental I e alunos com 16 anos (este da educação especial), desde que estes venham acompanhados de um encaminhamento da instituição de ensino. Esse atendimento se realiza no CMAE (Centro Municipal de Avaliação e Atendimento Especializado) com devolutivas sobre o diagnóstico, encaminhamento e aspectos a serem trabalhados que são realizados em reuniões com equipe pedagógica da escola e responsáveis separadamente, nas quais todas as informações são

fornecidas e possíveis dúvidas sanadas. Nesta etapa, pode haver a participação de outros profissionais para a avaliação (pedagogo, psicopedagogo, psicólogo, etc.). Na maioria das vezes, os pais não querem aceitar que a criança precisa de terapia Fonoaudiológica nem o adulto o exame de audiometria, pois para o adulto a vergonha e a sensação de incapacidade de não poder ouvir é imensa, diz a entrevistada. Pode-se afirmar que o tratamento precoce, ainda é a melhor arma. Todavia, a Organização Mundial da Saúde (OMS), no relatório mundial sobre audição no mês de março de 2021, indica que 60% das perdas auditivas podem ser evitadas com prevenção.

Em relação à segunda questão, sobre a terapia Fonoaudiológica, ela respondeu que já consta no rol dos atendimentos especializado do município, após a avaliação e caso seja constatado necessidade de tratamento de fonoaudiologia, são realizadas as devolutivas sobre o diagnóstico, encaminhamento e reunião com a família e a escola, repassando todas as informações. Essa reunião acontece separado da família e da escola. Quando o atendimento é com adultos é pedido para um responsável acompanhar. Para (Braga 2003), a perda auditiva em adultos ou idosos pode ter causa com a presbiacusia (uma alteração no órgão auditivo de vias decorrente do processo de envelhecimento). Todavia um adulto que perdeu sua audição, seja qual for a causa, pode se sentir isolado do mundo que o cerca.

A fonoaudióloga disse que fazer avaliação em adultos é mais difícil, pois eles não aceitam essa perda seja em qual grau for. Por ser a única fonoaudióloga do município a atender pelo SUS, fica inviável atendê-los, sendo que a demanda é grande com relação a essa idade. Já na terceira pergunta, sobre a surdez adquirida, ela explica que acontece por diversos fatores, perdas auditivas induzidas por ruídos, excesso de medicamentos, alterações metabólicas e ressalta a importância de ficar atento aos primeiros sinais para garantir o diagnóstico precoce.

Levando em conta que a terceira idade está vivendo mais, essas pessoas devem se encontrar em boas condições de saúde, por isso é muito importante ter vários profissionais para os cuidados nessa fase.

Enfim, a pesquisa teve como problemática e objetivo geral compreender como se processa a aprendizagem do aluno com dificuldade auditiva de profunda bilateral no ouvido esquerdo, durante as aulas remotas do ensino superior, em tempos de pandemia. Para responder a essas questões apresento o meu Relato de

Experiência como aluna do Curso de Pedagogia, no Ensino Superior, sobre a minha trajetória e dificuldades.

4.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA

O início de tudo

Eu nasci em Guaratuba no Paraná e sou a sexta filha de uma família de 11 irmãos. Sempre fomos muito pobres, somente meu pai trabalhava para nos sustentar, nasci em casa, naquela época era comum as crianças nascerem em casa com o auxílio de uma parteira (mulher que assiste e auxilia as parturientes).

Segundo os meus pais, eu sempre fui uma criança doente, tinha uma infecção na garganta desde pequena, que era tratada com antibióticos e internamento, eu cheguei a ficar 28 dias no hospital em Paranaguá, quando tive alta cheguei em casa estava com sarampo. Meu pai muito presente em minha vida dizia que tudo iria ficar bem.

Entre na escola, eu era a mais velha da turma sempre, em todas as séries que passei, os professores falavam para meus pais que eu era muito desligada. Eu me lembro que estava no primário quando tive dor no ouvido muito forte, e daquele dia em diante minha ida ao médico continuou a ser mais frequente, com dor de ouvido e infecção na garganta, voltei a tomar antibióticos e com um rigoroso tratamento, melhorei. Terminei o primário e o ginásio, atual fundamental II.

A descoberta

Em 1992, prestei concurso municipal para professora leiga (sem formação) e fui aprovada, começando assim a minha carreira docente, passando a lecionar nas escolas rurais. No ano de 1996, fui fazer o curso de magistério, no Colégio Estadual Gratulino de Freitas, no horário das 17:30 às 21:30.

No magistério tínhamos a disciplina de Educação Especial, que era ministrada pela professora Maria de Lurdes dos Reis, (in memorian). Essa professora também era uma das coordenadoras da Educação Especial do Município, e foi ela quem percebeu que eu não escutava direito e me perguntou se eu já havia feito alguma consulta com um otorrino. Eu disse que não, ela continuou “eu percebi quando estou explicando a matéria que você me acompanha com os olhos, na medida em que me afasto de você e percebo sua dificuldade quando estou explicando no quadro de costas, falo isso porque já venho notando faz algum

tempo”. E ela continuou “se eu conseguir uma consulta, você vai”? Respondi que sim.

Passaram-se alguns dias eu fui no otorrino em Curitiba, ele examinou meu ouvido e minha garganta, falei que tive muita infecção na garganta e no ouvido quando era mais nova. Ele disse que me encaminharia para fonoaudióloga, para eu fazer uma audiometria, voltei para casa, ele me encaminhou para fonoaudióloga, mas era particular eu não tinha como pagar, então não fui.

Continuei a minha vida, dando aula e estudando, percebi que de fato não estava escutando bem, mas dei continuidade a minha vida. Em 1998, me formei no magistério, oh glória! Meu sonho se tornando realidade. Em 2003, fiz o concurso para o 2º padrão de professora pelo município e passei, lecionava o dia todo. Em casa com minha família, o som da TV sempre estava no último, as pessoas falavam comigo eu só concordava por vergonha de dizer que não escutava, e na maioria das vezes, nem participava da conversa. Em 2006, lecionava para duas turmas, quando me dei conta que não estava escutando o que as crianças me perguntavam, e isso já estava acontecendo há tempos, entrei em desespero. Naquele dia fui para casa e chorei muito, com vergonha da situação, mas não podia deixar duas turmas sendo prejudicadas, no outro dia marquei otorrino na Cliapar em Paranaguá, Clínica Auditiva de Paranaguá.

O diagnóstico

Chegando na clínica acompanhada com a minha irmã, fui atendida pelo otorrino, Doutor Alexandre, que pediu uma audiometria e fiz ali mesmo na clínica, com a fonoaudióloga, que me deixou bem à vontade e fui para o exame. Na hora de eu repetir as palavras pronunciadas por ela, que cobria a boca com uma folha de papel, aí eu não entendia nada, quando ela do lado de fora da cabine não colocava a folha eu sabia o que ela estava falando por meio da leitura dos lábios.

O exame constatou que eu tinha uma perda no ouvido direito, perda profunda, aumentando-a gradativamente. Voltei à sala do Doutor Alexandre e ele me disse que se eu não me afastasse da sala de aula, poderia piorar, por esse motivo me aconselhou usar aparelhos. Adquiriti os aparelhos e usei por seis meses, mas não me adaptei, doía muito a minha cabeça. Hoje estou na faculdade de pedagogia e todos os anos eu faço audiometria, em cada exame a perda só piora, atualmente trabalho

no CMAE, Centro Municipal de Atendimento Especializado do Município na parte administrativa.

Minhas dificuldades nas aulas remotas

Diante do cenário atual em que o Brasil se encontra, devido a pandemia da COVID 19, minhas dificuldades nas aulas remotas foram muitas, desde o uso de máscara do corpo docente, até a imagem que não aparecia na tela devido a algum problema de conexão. Mas não desisti, tive muito incentivo dos professores do curso e da coordenadora.

Para o surdo, o uso de máscaras virou um agravante, principalmente para aqueles que fazem o uso da leitura labial para se comunicar. Sem contar que cada vez que você vir um surdo não vai falando em libras, pois nem todos os surdos dominam essa língua. Nas aulas remotas não consigo entender o que a professora fala, e quando ela apresenta os slides, fico bem perdida, pois não a vejo. Nesse momento, coloco o celular no ouvido esquerdo para ouvir as aulas, quando as aulas acabam tenho muita dor de cabeça e ansia, mas ao mesmo tempo feliz por interagir de uma forma ou de outra com a turma, visto que a interação para alunos com perda auditiva seja qual grau for, ou qualquer outra síndrome, faz com que possamos sim entender e se fazer entendido.

Aí vieram as aulas semipresenciais, como assim? E as máscaras? Como vou fazer a leitura labial se usarmos máscaras? Foi então que pensei, tenho que usar uma nova estratégia, agora eu fico bem perto da professora, não copio, e só tento ouvir o máximo das aulas, e com ajuda das colegas, depois copio os conteúdos. O fato de ver ao vivo o que os professores e colegas estão falando me deixa mais segura. Sei que não está fácil nem para mim e nem para os professores, sei que foram dias difíceis essa nova forma que alunos e professores tiveram que desenvolver e que tornou o ensino mais desafiador. Mas com a inclusão, professores e alunos aprendem juntos várias formas de ensinar e aprender. Por meio do diálogo, compreensão e empatia por parte da Coordenação de Pedagogia, dos professores e colegas da sala, eu consegui finalizar o ano letivo com louvor. Gratidão a todos.

CONCLUSÃO

De acordo com que foi estudado, verificou-se a importância de saber as causas que uma perda auditiva pode levar. Além disso, deve-se levar em conta que todas as deficiências auditivas, não são iguais, e que isso pode afetar muito o adulto tanto na parte acadêmica quanto no trabalho e na vida social.

Então todos devem se prevenir, cuidar da saúde do ouvido, ouvir som em volume normal, ir com frequência ao otorrino, fazer os exames sempre que um profissional dessa área solicitar.

Percebe-se também que com a pandemia, o acadêmico que apresenta um certo grau de perda auditiva teve muitas dificuldades nas aulas remotas, devido ao uso de máscara pelo professor, por não conseguir fazer a leitura labial e também nas aulas remotas, com os vídeos não legendados. A dificuldade auditiva que o aluno apresenta nas aulas remotas no ensino superior, em tempos de pandemia, reflete-se em cada um de maneira diferente, dependendo do grau de decibéis, do ambiente e da socialização do aluno. Assistir às aulas remotas, no formato presencial e on-line pode acarretar várias dificuldades, desde os vídeos que não são legendados, o uso da máscara obrigatória pelos alunos e pelo professor, que dificulta a leitura labial.

De um modo geral, espera-se que as Instituições de Ensino Superior propiciem melhores condições para os alunos que apresentam todos os tipos de deficiências ou dificuldades, especificamente de audição, objeto de estudo dessa pesquisa.

Porém, diante dessas considerações, como aluna do Curso de Pedagogia, durante a pandemia iniciada em março de 2020 até o momento, acredito que alunos e professores juntos buscaram novas estratégias para a aprendizagem das aulas remotas e também para este “novo normal”. Não foi fácil nem para mim e nem para os professores, foram dias difíceis, pois os professores tiveram que se reinventar, o que tornou o ensino mais desafiador. Professores e alunos aprenderam juntos várias formas de ensinar e aprender. Por meio do diálogo, da compreensão e da empatia por parte da Coordenação de Pedagogia, dos professores e colegas da sala, eu consegui finalizar o ano letivo com louvor. Gratidão a todos.

Assim, “Fale de frente, fale devagar, repita se precisar” palavras de alunos surdo orofacial a qualquer pessoa que se aproxima para manter um diálogo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, José Rozembergue de Melo. **Contribuições Psicopedagógicas acerca do Implante Coclear**. 2015. 29f. TCC (Graduação em Psicopedagogia) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2015.

CARVALHO, Josefina Martins. **Deficiência auditiva**. Caderno TV escola. Brasília. MEC: 2000.

CMAE, Centro Municipal de Avaliação e Atendimento Educacional Especializado de Guaratuba.

FRANCELIN, Madalena Aparecida Silva. MOTTI, Telma Flores Genaro. MORITA, Ione. **As Implicações Sociais da Deficiência Auditiva Adquirida em Adulto**. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 19 n.1, p.180-192, 2010. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/4vSnT68rvdwjPq5vj8wGBrj/abstract/?lang=pt>. > Acesso em: 08/09/2021.

GANDRA, Alana. **País tem 10,7 milhões de pessoas com deficiência auditiva, diz estudo**. 2019. Disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-10/brasil-tem-107-milhoes-de-deficientes-auditivos-diz-estudo>> Acesso em 05/08/2021.

MARTINEZ, Maria Angelina Nardi. Função auditiva e paralisia cerebral, in S. Limongi, **Paralisia cerebral**: processo terapêutico em linguagem e cognição: pontos de vista e abrangência. Carapicuíba (SP), Pró-Fono, 2000.

MORITA, I. **A questão do trabalho**: análise conceitual de uma variável fundamental na reprodução social. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, v. 41, n. 2, p. 82-88, 2005.

MELLO, JM Dell'Aringa AHB. Zacare C, Oliveira JRM, Oliveira VV. **Estratégias de comunicação utilizadas por portadores de deficiência auditiva neurossensorial moderada**.

NOVAES, Edimarcus Carvalho. **Surdos**: Educação, Direito e Cidadania. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

OMS. Organização Mundial da Saúde: 5 de março de 2021.

REVISTA Saúde Soc. São Paulo, v19, n. 1, p.180-192, 2010. **Tabela de porcentagem da perda auditiva por idade**.

SILVA, Lucia Palú. **Manual de orientação de práticas interventivas no contexto educacional para professores do ensino fundamental**. 2008. Disponível em: < <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1121-2.pdf>> Acesso em 01/09/2021.

SOUSA, Linalva Marinho de. **Deficiência auditiva e seus reflexos nos processos de aprendizagem**: um estudo de caso. Junho 2017 (TCC Psicopedagogia)

Universidade Federal da Paraíba – UFPB). Disponível em: <
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/15445>> Acesso em 01/09/2021.

FICHA AUDIOMÉTRICA

Nome: Jéssica Silva Naldina Data: 11/12/2022

Idade: _____ Função: Professora

ADMISSÃO PERIÓDICA ADMISSÃO COMISSÃO

Resposta Auditiva: 14.5 Tempo de Exposição: _____

MEATOSCOPIA: N.A.

AUDIOGRAMA

ORELHA DIREITA ORELHA ESQUERDA

Audiômetro: AMPLIVOX Modelo 260 Data da última calibração: 10/08/2022

Parecer Fonoaudiológico

(X) Perda Auditiva Misto bilateral profunda OD e OA Misto Profundo

() Linhas Auditivas Dentro dos Padrões de Normalidade

() Queda de limiar (ss) na (s) frequência (s)

Observações:

Michele Cristina Al. Silva
Fonoaudióloga
CRFPA 8403

ANEXOS:
ANEXO 1: FICHA DE AUDIOMETRIA DA ALUNA



ANEXO 2: CABINE DO EXAME AUDIOMÉTRICO